

Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>131839</b>
Título: <b>Há um processo de modernização, de mudança geracional a fazer – Entrevista a Pedro Silva Reis</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/09/10	<b>JORNAL DE NOTÍCIAS – PRINCIPAL</b>	Pág.6	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Diária</b>	Inv.: <b>7620.00</b>

ENTREVISTA

# “Há um processo de modernização, de mudança geracional a fazer”



Marquês de Pombal criou, por decreto régio, a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, em 1756, também conhecida por Real Companhia Velha. Por altura da comemoração dos 250 anos de vida, o JN entrevistou o actual presidente da empresa, Pedro Silva Reis. Em 2005, a firma facturou cerca de 20 milhões de euros e comercializou sete milhões de garrafas de vinhos do Porto e do Douro.

Maria Cláudia Monteiro  
José Carmo

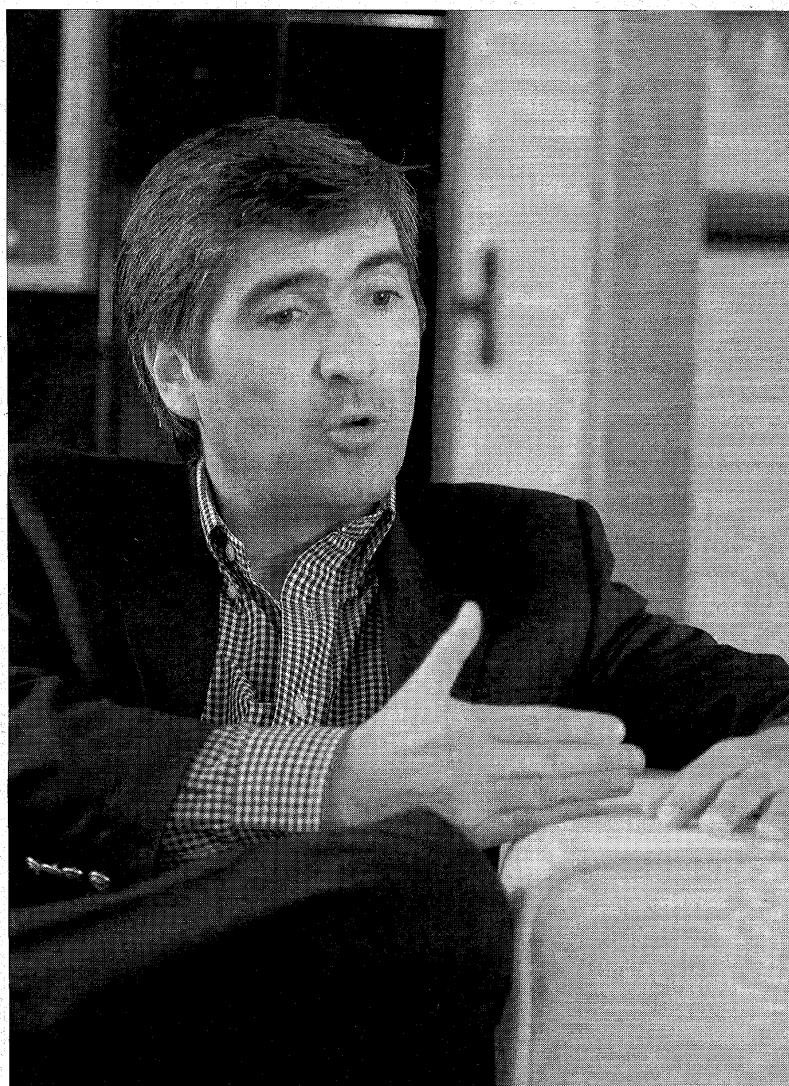
**P**edro Silva Reis recebeu o JN na véspera do início das comemorações dos 250 anos da Real Companhia Velha. Pála com orgulho do legado recebido do pai, há quatro anos, ciente da responsabilidade de ter nas mãos o futuro de uma empresa que, lembra, “resistiu a todos os ataques”.

**JN | A Real Companhia Velha é uma das empresas mais antigas, estando directamente relacionada com a demarcação da região do Douro...**  
**Pedro Silva Reis** | Sim. A Real Companhia Velha é a mais antiga empresa de Portugal. A única sobrevivente das empresas pombalinas.

**O que sente na comemoração dos 250 anos?**  
Como 27.º presidente, sinto um misto de fascínio com responsabilidade. Uma empresa com toda esta história tem de manter-se actual e moderna.

**Foi preciso saber ultrapassar as dificuldades?**  
A Companhia teve momentos de glória e momentos de dificuldade. Curiosamente, os momentos difíceis da vida da empresa estão sempre associados a intervenções extemporâneas do Estado.

**Resistiu sempre...**  
A empresa resistiu a todos os ataques, nomeadamente do co-



**Pedro Silva Reis:** “Estou de acordo com o princípio. Os subsídios só incentivam a mediocridade”

mércio inglês. Resistiu à queda do poder do Marquês de Pombal, à revolução liberal, assistiu e resistiu à independência do Brasil, onde todos os seus activos e créditos foram confiscados, e às invasões francesas. Mais recentemente, superou a intervenção estatal pós-revolução de 74.

**Foi nacionalizada?**  
Não chegou a ser nacionalizada, mas esteve intervencionada quatro anos. Quando foi intervencionada, estava no auge e tinha uma quota de mercado de 24% no negócio do vinho do Porto e quando deixou de ser tinha 5%. Outra in-

“Curiosamente, os momentos difíceis da vida da empresa estão associados a intervenções extemporâneas do Estado”

tervenção extemporânea do Estado que confirma a regra.

**Quais os pontos altos destes 250 anos de história?**  
É inegável que a Companhia prestou grandes serviços à causa pública. Começou por enumerar a demarcação, mas também foi responsável pelas estradas para o Douro, o cais da ribeira de Miragaia, pelos primeiros trabalhos de navegabilidade do Douro. No Ensino, teve um papel preponderante ao fundar a Escola Náutica, transformada depois na Real Academia do Comércio e Marinha, que está na origem da Universidade do Porto.

## Por onde passa o futuro da Real Companhia Velha?

Passa por ser um produtor de referência do Alto Douro, numa simbiose entre Porto e Douro.

## Uma linha que já vem sendo seguida...

Relançamos a nossa actividade com especial incidência nos vinhos do Douro, reestruturamos por completo o nosso negócio de vinho do Porto. Os nossos projectos passam por um investimento significativo nas nossas propriedades no Alto Douro, onde somos o primeiro proprietário. Depois, temos um esforço muito grande em termos de exportação e de abrir mercados para o vinho do Douro.

## E qual deverá ser, para si, o futuro da Região Demarcada?

Há ali processo de reforma, de modernização e de mudança geracional que tem de ser feito.

## O que é que o Governo pode fazer pela região?

Estradas, vias, infra-estruturas. Acabar com as sucatas no meio das encostas, acabar com as lixeiras sobranceiras ao rio. O resto nós fazemos.

## Como vê a reforma do vinho proposta pela Comissão Europeia?

É uma reforma europeia, tem um impacto no Douro como tem em todas as regiões. Estou totalmente de acordo com acabar com a adição de açúcar, que é uma prática proibida em Portugal, mas feita em França e na Alemanha. O grande tronco da proposta é o fim dos subsídios e o investimento em promoção. Estou de acordo com o princípio. Os subsídios só incentivam a mediocridade. Também pretende arrancar ou subsidiar o arranque de vinha... Acho bem! Se há quem tenha vinhas e não consegue vender o vinho, que aproveite o subsídio para arrancar e mudar de ramo.

## Relativamente ao negócio com a Casa do Douro. À distância, como o vê?

Não posso falar pela Casa do Douro... A associação entre a Companhia Velha e a Casa do Douro dava ao sector a ideia de uma empresa com contornos quase majestáticos e dominantes e não foi visto com bons olhos. A oposição que a Companhia teve nas origens pela Feitoria Inglesa teve, desta vez, pela associação de exportadores, dominada por casas inglesas. Em duas palavras: a história repetiu-se. Podia ter sido de grande interesse para o Douro. Agora, ia alterar os equilíbrios de mercado e, por isso, teve uma oposição muito forte...